



**MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
DIRETORIA DE PESQUISA, AVALIAÇÃO E MONITORAMENTO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DE RÉPTEIS E ANFÍBIOS - RAN**

PLANO DE AÇÃO PARA CONSERVAÇÃO DA HERPETOFAUNA AMEAÇADA SERRA DO ESPINHAÇO EM MINAS GERAIS

Ficha das espécies

Goiânia, 08 de abril de 2024

OBJETIVO ESPECÍFICO: Ampliação de pesquisas que gerem conhecimentos sobre as espécies contempladas no PAN, em cinco anos.

AÇÃO: 1.7. Levantar conhecimento popular e nomenclatura local das espécies contempladas no PAN.

RESPONSÁVEIS PELA AÇÃO: Maria Rita S. Pires (UFOP)

COMENTÁRIOS:

VERSÕES E DATAS:

A divulgação do produto do PAN foi autorizada pelos autores



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

PLANO DE AÇÃO NACIONAL PARA CONSERVAÇÃO DA HERPETOFAUNA AMEAÇADA DA SERRA DO ESPINHAÇO EM MINAS GERAIS

FICHAS DAS ESPÉCIES

Ação 1.7: Levantar conhecimento popular e nomenclatura local das espécies contempladas no PAN.

Produto: Fichas das Espécies

Articuladora: Maria Rita S. Pires

Elaboradores: Adriano L. Silveira e Maria Rita S. Pires

Espécies-alvo: *Physalaemus maximus*, *Heterodactylus lundii*, *Placosoma cipoense*

Espécies beneficiadas: *Bokermannohyla martinsi*, *Psilops paeminosus*, *Chlorosoma laticeps*, *Hydromedusa maximiliani*

Belo Horizonte
Dezembro de 2021

Hydromedusa maximiliani (Reptilia, Testudines, Chelidae)

O conhecimento popular sobre *Hydromedusa maximiliani* foi levantado durante amostragens da herpetofauna realizadas no Planalto Meridional da Serra do Espinhaço e no Quadrilátero Ferrífero, nos anos de 2014 a 2021, contemplando os municípios de Ouro Preto, Mariana, Catas Altas, Sabará, Itabira, Conceição do Mato Dentro e Itambé do Mato Dentro, nos quais há ocorrência da espécie. Em conversas informais com moradores e frequentadores das áreas de amostragem, foi levantado o conhecimento popular declarado sobre *H. maximiliani*, descrito a seguir.

Nas áreas amostradas, o nome comum “cágado” é aplicado para *Hydromedusa maximiliani*. Aparentemente, este nome é invariavelmente usado a qualquer quelônio dulcícola silvestre. Nas áreas rurais onde ocorre *H. maximiliani*, muitas pessoas relatam ter conhecimento da existência do cágado em córregos e riachos. Também relatam a pesca acidental com anzóis, embora este fato não tenha sido observado *in loco*.

Em três áreas estudadas, no Parque Estadual do Itacolomi, na Floresta Estadual do Uaimii e no entorno no Monumento Natural Estadual da Serra da Piedade (Figura 1), guarda-parques e moradores locais indicaram córregos onde haviam observado “cágados” e amostragens nos locais resultaram em capturas de *H. maximiliani* (Figura 2), o que confirma que as pessoas tem visto a espécie, nomeando-a como “cágado”.

Uma constatação preocupante é que, frequentemente, *Hydromedusa maximiliani* é considerada uma espécie nociva, por diversos motivos. No geral, pescadores amadores consideram que o cágado alimenta-se dos peixes locais e que isso causaria uma diminuição desse recurso pesqueiro. Foram ouvidos relatos de que o “cágado acaba com os peixes”. Consequentemente, esses pescadores informam que, quando o cágado é acidentalmente fisgado com anzol, corta-se o pescoço do animal, com o objetivo de eliminar o suposto predador de peixes, além da intenção de recuperar o anzol. É importante esclarecer que tal crença é infundada, uma vez que *H. maximiliani* alimenta-se essencialmente de invertebrados, ao passo que peixes normalmente não compõem sua dieta.

As drenagens habitadas por *Hydromedusa maximiliani*, nas cabeceiras, normalmente abrigam baixa diversidade de peixes. Exemplos de espécies de peixes comumente pescados e que ocorrem em sintopia com *H. maximiliani* são *Rhamdia quelen* (bagre), *Trichomycterus* spp. (cambeva), *Oligosarcus argenteus* (lamabri-bocarra), *Astyanax* spp. (lambari), *Geophagus brasiliensis* (cará) e *Hoplias malabaricus* (traíra).

Também foi registrada uma crença bastante peculiar sobre suposta nocividade de *Hydromedusa maximiliani*, no Distrito de São Bartolomeu, município de Ouro Preto. Moradores locais relataram que o cágado é uma espécie venenosa, que pode morder e injetar veneno. Relataram ainda que costumam nadar nos riachos e cachoeiras da região, um modo de recreação, e que, quando encontram algum cágado, o retiram da

água e o apedrejam até a morte, na intenção de protegerem-se desse animal perigoso. Nos riachos locais descritos pelos moradores há ocorrência de *H. maximiliani*, especialmente na Floresta Estadual do Uaimii, nas imediações de São Bartolomeu, o que sugere que o relato refere-se a essa espécie. Também cabe esclarecer que *H. maximiliani* é inofensiva, não produzindo qualquer tipo de veneno, e que não morde quando manipulada.

Nas regiões onde esses últimos relatos foram ouvidos também há ocorrência do cágado *Phrynops geoffroanus*, o qual habita os rios e não foi registrado em córregos e riachos de cabeceira, sendo essas drenagens menores usadas por *Hydromedusa maximiliani*. É provável que as crenças sobre nocividade dos cágados tenham surgido devido ao contato humano com *P. geoffroanus*, espécie frequentemente capturada com anzóis e eventualmente pode morder quando manipulada. Observou-se que moradores locais não têm ciência da existência de duas espécies de cágados, de modo que, provavelmente as crenças geradas com *P. geoffroanus* são invariavelmente aplicadas a *H. maximiliani*.

Os relatos apresentados sugerem que a pesca amadora, associada à desinformação, pode ocasionar a matança indiscriminada de *Hydromedusa maximiliani* em suas áreas de ocorrência. No entanto, não se conhecem a magnitude dessa matança e o impacto sobre as populações do quelônio. Em muitas amostragens realizadas, *H. maximiliani* não foi encontrada ou foi registrada em baixa abundância em córregos muito frequentados por pescadores locais, o que sugere a possibilidade de haver um impacto relevante. Sobre a matança de *H. maximiliani* devido à crença de tratar-se de animal venenoso, também não se conhece o impacto gerado sobre populações da espécie.

Esse conhecimento popular documentado ressalta a necessidade de ações de educação ambiental nas áreas de ocorrência de *Hydromedusa maximiliani*, com objetivo de difundir informações biológicas corretas sobre a espécie, incluindo o fato de ser inofensiva, de possuir relevância ecológica e de estar ameaçada de extinção, o que justifica sua conservação. Essas ações devem ser direcionadas tanto a áreas rurais e entorno de Unidades de Conservação, incluindo a Floresta Estadual do Uaimii.



Figura 1. Localidade indicada por morador local com ocorrência de cágado.



Figura 2. Espécime de *Hydromedusa maximiliani* capturado na localidade indicada.

Heterodactylus lundii (Reptilia, Squamata, Lacertilia, Gymnophthalmidae)

O conhecimento popular sobre *Heterodactylus lundii* foi levantado durante amostragens da herpetofauna realizadas no Quadrilátero Ferrífero, nos anos de 2016 a 2021, especificamente no Monumento Natural Estadual da Serra da Piedade, nos municípios de Caeté e Sabará, e Reserva Particular do Patrimônio Natural Santuário do Caraça, em Catas Altas e Santa Bárbara.

Nas duas Unidades de Conservação amostradas, em conversas informais com moradores, trabalhadores e frequentadores locais, notou-se desconhecimento sobre a existência do lagarto *Heterodactylus lundii* e ausência de nomes comuns específicos.

Heterodactylus lundii possui hábitos secretivos, é de raro encontro e de difícil observação em campo. Sua ocorrência é esperada apenas em remanescentes campestres naturais e conservados e provavelmente a espécie não está presente em áreas rurais. Conseqüentemente, espera-se que a espécie seja vista apenas por frequentadores de Unidades de Conservação, não sendo reconhecida por moradores locais, o que determina a escassez ou mesmo ausência de conhecimento popular.

No entanto, é possível que *Heterodactylus lundii* seja conhecido como “cobra-de-pé”, tal como ocorre com seu congênere *H. imbricatus*. Este possui corpo alongado e membros locomotores muitos reduzidos e, quando em fuga, pode locomover-se serpenteando, conferindo aspecto de uma cobra que possui pés, motivo de seu nome comum. *Heterodactylus lundii* possui morfologia e locomoção semelhantes a *H. imbricatus*. Em estudos de campo anteriores, registrou-se a aplicação do nome cobra-de-pé a um espécime de *H. imbricatus* capturado por morador de Ouro Preto.

Cabe ressaltar que o possível reconhecimento de *Heterodactylus lundii* como uma cobra, denota um reconhecimento da espécie como nociva, venenosa, o que significa um estímulo a possível matança indiscriminada. De fato, foi observado um episódio com o congênere *H. imbricatus*, no qual um grupo de ciclistas matou um espécime encontrado em deslocamento em uma trilha, acreditando trata-se de serpente venenosa. Ainda que *H. lundii* seja de raro encontro na natureza, é importante que haja ações de educação ambiental nas Unidades de Conservação onde ocorre, visando a difusão de informações biológicas sobre a espécie e sua valorização, de modo a evitar que frequentadores das áreas matem espécimes eventualmente encontrados, na crença de trata-se de cobra venenosa.

Placosoma cipoense **(Reptilia, Squamata, Lacertilia, Gymnophthalmidae)**

Até o momento não foram levantadas informações sobre conhecimento popular de *Placosoma cipoense* na área de abrangência do PAN. Considerando o conhecimento acerca de pequenos lagartos em geral, especialmente da família Gymnophthalmidae, espera-se que a comunidade local não consiga reconhecer *P. cipoense* e que aplique nomes comuns mais gerais, tais como lagartixa e calanguinho.

Um episódio inusitado de encontro fortuito com *Placosoma cipoense* foi observado na localidade de Córrego do Capão Redondo, inserida no Parque Estadual Serra do Intendente, município de Conceição do Mato Dentro. Um biólogo, frequentador da área, encontrou um espécime do lagarto abrigado no interior de uma habitação humana local (Figura 3). Um fato semelhante foi relatado para o alojamento do Parque Nacional da Serra do Cipó (oficina do PAN). Estas observações evidenciam um comportamento de *P. cipoense* de adentrar edificações humanas, situadas em remanescentes naturais campestres, o que propicia encontros de pessoas com a espécie. Conseqüentemente, é provável que *P. cipoense* seja conhecida por habitantes de suas áreas de ocorrência na Serra do Espinhaço.



Figura 3. Espécime de *Placosoma cipoense* encontrado no interior de habitação humana.

Psilops paeminosus
(Reptilia, Squamata, Lacertilia, Gymnophthalmidae)

Até o momento não foram levantadas informações sobre conhecimento popular de *Psilops paeminosus* na área de abrangência do PAN. Considerando o conhecimento acerca de pequenos lagartos em geral, especialmente da família Gymnophthalmidae, espera-se que a comunidade local não consiga reconhecer *P. cipoense* e que aplique nomes comuns mais gerais, tais como lagartixa, calanguinho e briba.

Chlorosoma laticeps **(Reptilia, Squamata, Serpentes, Dipsadidae)**

O conhecimento popular sobre *Chlorosoma laticeps* foi levantado durante amostragens da herpetofauna realizadas no Quadrilátero Ferrífero, nos anos de 2000 a 2003 e 2016 a 2021, especialmente nos municípios de Mariana e Outro Preto, nas imediações da única localidade de registro conhecida da espécie na área do PAN (Mariana). Informações foram obtidas durante conversas informais com moradores locais e em atividades de extensão universitária, que incluíram palestras e exposições públicas (UFOP).

Não foram obtidos conhecimentos populares específicos para *Chlorosoma laticeps* e considera-se a possibilidade das pessoas entrevistadas nunca terem tido contato com a espécie. Considerando o conhecimento acerca de serpentes Dipsadidae em geral, espera-se que a comunidade local não consiga reconhecer *C. laticeps* e que, em caso de encontro fortuito com a espécie, aplique nomes comuns locais que são mais gerais para cobras alongadas e verdes, tais como, cobra-cipó, cobra-verde e cobra-cipó-verde.

Bokermannohyla martinsi (Amphibia, Anura, Hylidae)

O conhecimento popular sobre *Bokermannohyla martinsi* foi levantado durante amostragens da herpetofauna realizadas no Quadrilátero Ferrífero, nos anos de 2016 a 2021, em Unidades de Conservação e outras áreas protegidas especialmente nos municípios de Outro Preto, Mariana, Catas Altas, Santa Bárbara, Itabirito e Nova Lima, nos quais a espécie ocorre. Informações de conhecimento sobre a espécie foram obtidas durante conversas informais com frequentadores das áreas amostradas.

Observou-se que os locais onde *Bokermannohyla martinsi* foi documentada são pouco frequentados por moradores dos arredores. Já em Unidades de Conservação, a espécie realiza reprodução em córregos, riachos e cachoeiras que são rotineiramente percorridas por turistas e funcionários das unidades, em especial a Reserva Particular do Patrimônio Natural Santuário do Caraça (Figura 4). Nestes locais, os girinos da espécie são de fácil observação, uma vez que são grandes, negros (contrastando com o fundo), ocorrem em água límpida e permanecem expostos ao longo do dia, embora sejam ariscos com a aproximação humana. Foram colhidos alguns relatos de observação de “girinos pretos” e “girinos pretos grandes” em tais locais, sendo confirmado que se tratavam de larvas de *B. martinsi* (Figura 5). Este foi o único conhecimento popular levantado e observou-se que as pessoas não conseguem reconhecer que os girinos são de *B. martinsi*. Também, os entrevistados demonstraram não conhecer os adultos da espécie e, provavelmente, na ocasião de encontros fortuitos, seriam aplicados nomes mais gerais para grandes anuros, tais como “perereca” e “sapo”. Ainda não foram obtidos relatos das pessoas conhecerem a vocalização de adultos de *B. martinsi*.



Figura 4. Cachoeira visitada por turistas com ocorrência de *Bokermannohyla martinsi*.



Figura 5. Girinos de *Bokermannohyla martinsi* ocorrente na cachoeira ilustrada.

Physalaemus maximus
(Amphibia, Anura, Leptodactylidae)

Até o momento não foram levantadas informações sobre conhecimento popular de *Physalaemus maximus* na área de abrangência do PAN. No entanto, considerando os relatos obtidos sobre anfíbios anuros em geral, espera-se que moradores e demais frequentadores das áreas de ocorrência da espécie não consigam reconhecer *P. maximus* e, em caso de encontros fortuitos, apliquem nomes mais gerais para anuros pequenos, tais como “sapinho” e “rãzinha”.